

CORRA

QUE O LOTE VEM AÍ

DF-Im Nascão

CONFUSÃO EM SANTA MARIA DURANTE CADASTRO DE INVASORES. NOVOS BARRACOS SURGEM

Rovênia Amorim
Da equipe do Correio

Pela segunda vez este ano, o governador Joaquim Roriz foi a uma invasão pedir para que as pessoas desmanchassem por conta própria os barracos. Em troca, prometeu resolver o problema de moradia deles. No Recanto das Emas, em 16 de janeiro, subiu ao palanque para dizer que não iria retirar nenhuma família da invasão até encontrar uma área apropriada. Não deu certo. A invasão começou a inchar no mesmo dia.

Sábado passado, em Santa Maria, Roriz se repetiu. E foi adiante: ordenou a derrubada dos 2 mil barracos e, em troca, prometeu entregar lotes aos invasores. De graça e em 60 dias. Pronto. Foi o suficiente para a trapalhada começar. A invasão, que começou a ser desmontada na tarde do mesmo sábado, voltou a crescer no domingo de manhã. São cerca de 500 barracos, entre os construídos antes da visita de Roriz e os que surgiram depois.

Os invasores não entenderam o recado do governador e entusiasmaram-se com a chance de ganhar um lote. Correram para construir um barraco de qualquer jeito, no descampado invadido, próximo à Quadra 310 de Santa Maria. A nova leva de sem-teto foi acompanhada de perto pelo comerciante Francisco Luiz de Farias, o homem de 60 anos que tem um bar-mercaria perto da invasão.

“No domingo era gente direto no orelhão. Filho chamando a mãe, a Maria e não sei mais quem que mora em Goiás. Tá chegando gente de fora”, conta ele. Em frente ao seu bar há um telefone público. “O pessoal aqui da rua todinho resolveu invadir. Teve gente até pedindo para que eu arrumasse umas tábuas com o meu vizinho”, diz Francisco que considerada errada a estratégia do governo de não remover todos os invasores de uma só vez.

E ele tem razão. A tentativa de fazer o levantamento socioeconômico dos invasores de Santa Maria transformou-se em outra grande trapalhada ontem. No sábado até 20h30, 1.500 pessoas foram atendidas. Elas terão o nome incluído no cadastro do Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) e, se estiverem dentro dos critérios fixados pela política habitacional do governo,

terão a chance de receber lote ou moradia.

Mas apesar do esquema que contou com 150 funcionários do governo, nem todo mundo foi atendido. “Anoiteceu e tinha muito arame farpado. Os funcionários começaram a tropeçar e a se machucar”, explica Carlos César da Costa e Silva, diretor da Divisão de Operações Imobiliárias do Idhab. A pesquisa socioeconômica foi então suspensa e 500 senhas distribuídas.

As pessoas que receberam o pedaço de papel numerado teriam de ir, segunda-feira de manhã, ao Centro de Desenvolvimento Social (CDS) de Santa Maria, que fica na Quadra 210 Sul e perto da invasão. Não deu certo. Uma fila enorme se formou ao redor do prédio. Mais de mil pessoas, com senha e sem senha, apareceram para dar o nome e os dados da família. O sol estava forte e as mulheres abriam sombrinhas para proteger as crianças de colo.

A equipe de 15 funcionários do Idhab não esperava um público tão numeroso e o atendimento demorou. Começou às 11h. “Nós vamos terminar as senhas e depois vamos voltar à invasão e derrubar os barracos que sobram. Tem muito espertinho na área. Dizem que aumentou muito a invasão de sábado para cá”, informava o diretor Carlos César.

Quinze minutos depois, às 11h15, pressionado pelo grande número de pessoas sem senha, ele fechou as portas do CDS e suspendeu o atendimento. A explicação era de que o cadastramento estava atrapalhando as atividades do Centro de Desenvolvimento Social, como a distribuição de leite e pão. A multidão foi orientada então a voltar para os barracos da invasão. A pesquisa das condições socioeconômicas das famílias terminaria lá.

Ninguém saiu satisfeito. Afinal, muita gente tinha acordado cedo para conseguir um bom lugar na fila. Como a doméstica Maria Stela de Oliveira, 47 anos, mãe de três filhos adolescentes. Ela chegou à porta do CDS às 5h30. Era uma das primeiras da fila e, mesmo assim, não conseguiu ser atendida. “Como voltar para o barraco? Não tenho mais barraco. Roriz mandou queimar e eu queimei”, conta a mulher que nem senha tinha.

Assim como ela, todos que não tinham o pedaço de papel apresentavam uma desculpa. Maria Stela estava na casa da patroa, na 304 Norte, e não chegou a tempo para pegar a senha. Corina Alves, de 66 anos, que ganhou lote do Roriz há 12 anos, estava na fila no lugar de duas filhas, uma costureira e a outra gari. “Elas estavam trabalhando na hora em que foi feita distribuição”, explica a mãe, baiana de Riachão das Neves.

Wanderlei Pozzembom



Uma multidão, com e sem senha, tentava desde a madrugada se cadastrar até que a pesquisa socioeconômica foi interrompida

LEIA MAIS

Sobre o assunto
na página 2